

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE FARMÁCIA

Prevalência de Conteúdos Programáticos Para Abordagem de
Pessoas LGBTQIA+

YURI PROCASKA LUCHESE MONTEIRO

A pesquisa e o texto aqui relacionados são inéditos e originais contribuindo para a escassa literatura nacional do assunto. A pesquisa é resultado de Trabalho de Conclusão de Curso em Farmácia, não havendo conflito de interesse e nem fonte de financiamento. Aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o nº (4.586.949).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FARMÁCIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO:

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE FARMÁCIA:
Inclusão e Prevalência de Conteúdos Programáticos Para
Abordagem de Pessoas LGBTQIA+**

ALUNO

YURI PROCASKA LUCHESE MONTEIRO

ORIENTADORA: PROF^a Dr^a TÂNIA ALVES AMADOR

MAIO
2021

YURI PROCASKA LUCHESE MONTEIRO

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE FARMÁCIA:

Inclusão e Prevalência De Conteúdos Programáticos Para Abordagem De
Pessoas LGBTQIA+

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Farmácia da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como parte
dos requisitos para a obtenção do
título de Bacharel em Farmácia.

Porto Alegre, 14 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Tânia Alves Amador
Orientadora

Profª. Drª. Isabela Heineck
Examinadora

Farmacêutico Edson Ribeiro da Silva
Examinador

DEDICATÓRIA

Esta Monografia é dedicada à minha vó paterna Maria, *in memoriam*, pela paciência e pelo amor incondicional aos seus amores e a Lulu, *in memoriam*, meu amor de quatro patas, que ficou ao meu lado por 17 anos e só me deu amor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marcia e Marcos, pela base sólida que tive, por contribuírem, incansavelmente, ao longo de toda a minha formação acadêmica até o momento! Pelo amor sem limites, pelos abraços, risos e por acreditarem nos meus sonhos e também por sonharem junto comigo! Amo vocês! Conseguimos!

Ao meu irmão, Andrei, pela parceria de uma longa jornada de vida, pode contar comigo sempre que precisar pra tudo! Te amo.

À minha cunhada/amiga, Laís, pelos abraços, risos, garrafas no telhado, burcas e muita amizade nesses quase 10 anos que nos conhecemos.

À minha vó, Iara, por sempre acreditar em mim, em todos os momentos de alegria, por estar comigo e ver minha trajetória de vida. Você é um anjo na terra. Te amo vó.

À minha dinda, Lisiane, que move montanhas e mundos por mim, sempre me incentivou e acreditou em mim em todos os momentos. Você é insubstituível. Te Amo.

À Sophia, por ser essa criança iluminada e pura, sempre alegre e disposta a tudo. Te amo.

A meu tio, Alexandre, pela parceria de sempre.

Ao meu namorado, Douglas, que já trilha esse caminho da vida comigo há 8 anos e sempre esteve junto nos momentos tristes, alegres e doidos. Mesma a distância o amor vence! E Vencemos! Te amo.

Ao Thiago, minha *soulsister*, por estar comigo nessa caminhada louca da vida, obrigado por todos os momentos. Pelas festas no Cabaret Independência, caminhadas a noite no centro, cafés, viagem. Já são dez anos de amizade e te ter como meu amigo é um orgulho imenso. Te amo.

À Martha, meu amorzinho, minha amiga linda, que a vida colocou no meu caminho e nos cruzamos com a ajuda do Thi. Tu és um ser incrível e sou muito feliz e grato em te ter em minha vida e poder compartilhar ela.

À Dal, meu amor que a FACFAR me deu e trilhou comigo esse caminho tortuoso que foi a graduação. Você tornou mais leve, divertido esse caminho. Te amo, obrigado por estar e permanecer em minha vida.

Ao Pedro, pela nova chance que a vida nos deu de partilhar nossos caminhos novamente, nada é por acaso. Que possamos seguir juntos!

Ao Tiago, que eu amo tanto, e que estou com muita saudade de ver pós-pandemia. Já são longos 10 anos de amizade! Saudades bee!

Aos meus familiares em geral, por confiarem em mim e me incentivarem.

À professora Tânia por acreditar e embarcar na minha loucura! Obrigado prof!

Ao ensino público, gratuito e de qualidade!

À UFRGS e a FACFAR por terem sido minha segunda casa por tanto tempo!

EPÍGRAFE

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas
transformam o mundo.”*

(Paulo Freire)

LISTAS DE TABELA

TABELA 1 – variáveis do estudo, frequência e porcentagem	19
---	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
MÉTODOS.....	16
RESULTADOS	17
DISCUSSÃO	21
Inserção em Disciplinas Multiprofissionais	23
Inclusão em Cursos Educativos.....	23
Competências em Comunicação.....	23
Disciplinas Eletivas	24
Associação de Outras Estratégias para Incorporação no Currículo.....	24
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
APÊNDICES.....	32
APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	33
APÊNDICE B- FERRAMENTA DE CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO	35

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIVERSIDAD FEDERAL DE RIO SRANDE DO SUL
FEDERAL UNIVERSITY OF RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FARMÁCIA
FACULTAD DE MEDICINA
FACULTY OF PHARMACY

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE FARMÁCIA:

Inclusão e Prevalência de Conteúdos Programáticos Para Abordagem de Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Interssexuais, Agêneros+

PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE FARMACIA:

Inclusión y prevalencia del contenido del programa para acercarse a personas lesbianas, gays, bissexuales, transexuales, queer, intersexuales, Agénero +

PERCEPTION OF PHARMACY STUDENTS:

Inclusion and Prevalence of Program Content for Approaching Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual, Queer, Intersexual, Agender +

Aluno: Yuri Procaska Luchese Monteiro; Departamento de Produção e Controle de Medicamentos, Faculdade de Farmácia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Ipiranga, 2752 -sala 602, Santa Cecília, Porto Alegre, RS, Brasil, 90610-000. Telefone: (51) 33165305. yurimonteiro88@hotmail.com
ID ORCID (<https://orcid.org/0000-0003-4814-2705>) Graduando em Farmácia

Professora: Tânia Alves Amador; Departamento de Produção e Controle de Medicamentos, Faculdade de Farmácia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Av. Ipiranga, 2752 -sala 602, Santa Cecília, Porto Alegre, RS, Brasil, 90610-000. Telefone: (51) 33165305. tania.alvesa@gmail.com
ID ORCID (<https://orcid.org/0000-0003-2109-3034>)

Resumo

A população Lésbica, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Agênero (+) têm sido constantemente excluídas de todo o setor de saúde e também na academia. Os currículos carecem de disciplinas que abordem saúde dessa minoria. O objetivo foi avaliar a percepção de estudantes de Farmácia a respeito da existência e aceitação da inclusão de conteúdos programáticos relacionados a saúde dessa população. Convidou-se a preencher um questionário online acerca da inclusão e prevalência de conteúdos LGBTQIA+ no currículo. Dos 86 alunos, 76,7% nunca tiveram temas relacionados à transgeneridade, 86% consideram incluir disciplina de temática LGBTQIA+ no currículo, 81,4% que o corpo docente seja capacitado no tema, 59,3% não se sentem preparados para orientar paciente LGBTQIA+. É essencial que haja uma revisão de como os currículos de Farmácia incluem o conteúdo de promoção à saúde de pessoas LGBTQIA+ em sua grade curricular.

Palavras-chave: Farmácia; Currículo; LGBTQIA+; Saúde; Educação; Conteúdos.

Resumen

La población Lesbiana, Gay, Bisexual, Transexual, Queer, Intersexual, Género (+) ha sido constantemente excluida de todo el sector de la salud y también del mundo académico. Los planes de estudio carecen de disciplinas que aborden la salud de esta minoría. El objetivo fue la percepción de los estudiantes de Farmacia sobre la existencia y aceptación de la inclusión de planes de estudio relacionados con la salud de esta población. Se le invitó a completar un cuestionario en línea sobre la inclusión y prevalencia de contenido LGBTQIA + en el plan de estudios. De los 86 alumnos, el 76,7% nunca tuvo temas relacionados con la transgénero, el 86% considera incluir asignaturas LGBTQIA + en el plan de estudios, el 81,4% que el profesorado está capacitado en el tema, el 59,3% no se siente preparado para orientar al paciente LGBTQIA +. Es fundamental que haya una revisión de cómo los planes de estudios de farmacia incluyen el contenido de promoción de la salud de las personas LGBTQIA + en su plan de estudios.

Palabras llave: Farmacia; Reanudar; LGBTQIA +; Salud; Educación; Contenido.

Abstract

The Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual, Queer, Intersexual, Gender (+) population has been constantly excluded from the entire health sector and also in academia. Curricula lack disciplines that address the health of this minority. The objective was the perception of Pharmacy students regarding the existence and acceptance of the inclusion of syllabus related to the health of this population. It was invited to complete an online questionnaire about the inclusion and prevalence of LGBTQIA + content in the curriculum. Of the 86 students, 76.7% never had topics related to transgenerity, 86% consider including LGBTQIA + subjects in the curriculum, 81.4% that the faculty is specialized in the theme, 59.3% do not feel prepared to guide LGBTQIA + patient. It is essential that there is a review of how Pharmacy curricula include the health promotion content of LGBTQIA + people in their curriculum.

Keywords: Pharmacy; Curriculum; LGBTQIA +; Health; Education; Contents

INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos em uma sociedade multicultural com suas diferenças sociais, étnicas e religiosas. A comunidade LGBTQIA+, que é representada por pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Interssexuais, Assexuais, + (onde esse engloba diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidade de gênero que existe) ⁽¹⁾ e mais especificamente as pessoas transgêneros^a. Essas pessoas têm sido constantemente proscritas, historicamente, de todo o setor de saúde e também na academia, no que diz respeito à cursos de Farmácia, onde essa questão não é abordada e muitos alunos saem, da faculdade, sem um ínfimo de conhecimento de como abordar um paciente LGBTQIA+ ⁽²⁾.

Os cursos de Farmácia das universidades brasileiras, tanto privadas quanto públicas, ao longo da história, no que diz respeito aos conhecimentos sobre cuidado com a terapia medicamentosa, estão alicerçadas nas necessidades de pessoas cisgêneras^b, pessoas essas que tem sua identidade de gênero em consonância com o sexo que lhe foi conferido ⁽³⁾. Isso acaba, conseqüentemente, por marginalizar os pacientes *trans*, nos quais a sua identidade de gênero^c não se relaciona com seu sexo conferido ao nascer ⁽⁴⁾.

Muitos estudantes e profissionais farmacêuticos têm dificuldade de abordagem à um paciente LGBTQIA+, pois não desenvolveram habilidades e conhecimento ao longo da graduação, com disciplinas no currículo que contemplassem esse grupo de pessoas, por vezes negligenciados. Um estudo realizado na Faculdade de Farmácia da Universidade de Maryland, apontou que residentes de farmácia comunitária reconheceram não estar preparados para atender pacientes transgêneros ⁽⁵⁾.

(a) Termo genérico que vale para qualquer pessoa que se identifique com um gênero diferente ao do sexo de nascimento. Por exemplo, Transsexuais e travestis. (Brasil,2018)

(b) Pessoa que se identifica com o gênero igual ao do sexo de nascimento. (Brasil,2018)

(c) Forma como cada pessoa sente que ela é em relação ao gênero masculino e feminino. Nem todas as pessoas se enquadram na noção binária de homem/mulher, como no caso de pessoas agênero e queer (Brasil,2018)

Dados como anteriormente mencionados, evidenciam barreiras aos cuidados em saúde relacionados à pacientes LGBTQIA+, que são constantes e devem ser superadas por meio da educação farmacêutica de qualidade e da incorporação de conteúdos que deem base ao aluno para que possa ter a bagagem necessária para auxiliar de forma correta esse paciente.

Infere-se, pelo contexto, que alunos que se formam em farmácia, ou ainda estão na graduação, não estão confiantes na sua habilidade de proporcionar cuidados à promoção e saúde de pacientes LGBTQIA+. Pesquisa de mapeamento, nos EUA, revelou que os conteúdos sobre saúde LGBTQIA+ em Faculdades de Farmácia é restrito, com média de zero a três horas de aula ⁽⁶⁾ ⁽⁷⁾. A *Association of American Medical Colleges (AAMC)* elaborou um Grupo de Inclusão da Diversidade, propiciando a igualdade e a erradicação das diferenças no cuidado de saúde entre a comunidade LGBTQIA+. A consequência disso foi que as Faculdades de Medicina implementaram melhorias expressivas no oferecimento de capacitação para estudantes em saúde LGBTQIA+ ⁽⁸⁾ ⁽⁹⁾ ⁽¹⁰⁾ ⁽¹¹⁾. Uma pesquisa nos EUA, avaliou cuidados relacionados a educação de transgêneros nos currículos dos cursos de Farmácia, a qual revelou que a maioria dos entrevistados considerou que incluir temas relacionados à transgênero nos currículos das escolas de farmácia é importante ou muito importante ⁽⁷⁾.

A American Pharmacists Association Academy of Student Pharmacists' (APhA-ASP) aprovou uma decisão em 2018 para *"Inclusão da educação em temas relacionados aos diversos gêneros e identidades sexuais no currículo de faculdades de farmácia"* revelando a mudança nos currículos das Faculdades de Farmácia nos EUA ⁽¹²⁾.

No Brasil a resolução nº 6, de 19 de outubro de 2017 do Ministério da Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia, no Art. 4º, inciso X refere sobre o *"compromisso com o cuidado e a defesa da saúde integral do ser humano, levando em conta aspectos socioeconômicos, políticos, culturais, ambientais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, necessidades da sociedade, bem como*

características regionais”, ou seja, os cuidados com pacientes LGBTQIA+ (no espectro de gênero e orientação sexual^d) estão previstos em norma jurídica, porém, ao menos por enquanto, não é o que muitos alunos de graduação em Farmácia verificam durante seu aprimoramento técnico/científico na graduação.

Os currículos carecem de disciplinas que abordem a percepção da promoção em saúde de pessoas LGBTQIA+, o que deveria ser oferecido conforme está mencionada nas diretrizes. No Art. 6º, parágrafo único, diz que *“a formação em Farmácia requer conhecimentos e o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, abrangendo, além de pesquisa, gestão e empreendedorismo, as seguintes ciências, de forma integrada e interdisciplinar: I - Ciências Humanas e sociais aplicadas, ética e bioética, integrando a compreensão dos determinantes sociais da saúde, que consideram os fatores sociais, econômicos, políticos, culturais, de gênero e de orientação sexual, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais, ambientais, do processo saúde-doença do indivíduo e da população”*, demonstrando novamente a importância de se ter competências, habilidades, atitudes onde esse *know-how* do futuro profissional farmacêutico é requisitado no momento de atenção ao paciente LGBTQIA+ ⁽¹³⁾.

A resolução nº 6, de 19 de outubro de 2017 do Ministério da Educação prevê cuidados e saúde integral, bem como o desenvolvimento de competências, de habilidades e de atitudes que um profissional farmacêutico necessita ter a respeito das questões relacionadas às pessoas LGBTQIA+ ⁽¹³⁾.

Um estudo no qual se avaliou as percepções de estudantes de Farmácia sobre a saúde transgênero mostrou que esses aprovaram iniciativas para aperfeiçoar a melhoria da educação farmacêutica assim como também concordaram com a inclusão dessa temática no currículo de Farmácia ⁽¹⁴⁾. Corroborando nessa lógica outro estudo que avaliava educação e saúde

^(d) Esse termo diz respeito à forma como nos sentimos em relação à afetividade e sexualidade. Os conceitos de homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade e assexualidade são os tipos de orientação sexual. (Brasil, 2018)

LGBTQIA+ em currículos de farmácia apontou que alunos apoiavam a incorporação de conteúdo relacionados à saúde de pessoas LGBTQIA+⁽⁶⁾.

Portanto, apesar de haver estudos internacionais que buscaram compreender a aceitação e existência de conteúdo voltado para a população LGBTQIA+ em currículos de cursos de Farmácia e, também outras da área da saúde, não foram encontrados estudos nacionais explorando o tema da saúde LGBTQIA+ nos currículos de Farmácia brasileiras. Partindo desses pressupostos, podemos questionar: o motivo pelo qual isso ocorre e até que ponto seria possível alterar o currículo de um curso de graduação, estando inserido em um sistema de educação elitista, heteronormativa^{e (15)}, cis gênero pautada em uma sociedade patriarcal. Ou ainda, se caso houvesse uma mudança na grade curricular, onde disciplinas com conteúdo LGBTQIA+ seriam inseridas e seria bem recebida por parte do corpo discente e docente. Outra dúvida é se esse mesmo corpo discente se percebe preparado para atender um paciente LGBTQIA+, bem como se acredita necessário que o futuro farmacêutico tenha uma formação particularizada nesse tema. E se o corpo discente entende que o corpo docente dever ser capacitado nessa temática.

Assim sendo e, considerando a resolução do Conselho Nacional de Educação, que institui as diretrizes dos cursos de Farmácia, considera-se extremamente relevante conhecer as percepções de estudantes do curso de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Com base nisso, o objetivo deste estudo é descrever a percepção de estudantes de Farmácia a respeito da existência e aceitação da inclusão de conteúdos programáticos relacionados ao cuidado e promoção da saúde da comunidade LGBTQIA+ no currículo do curso de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

^(e) conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada em vários espaços, como única possibilidade natural e legítima de expressão sexual desconsiderando quaisquer outras orientações, como a bissexualidade e a homossexualidade.

MÉTODOS

Este estudo foi uma pesquisa transversal quantitativa realizada por meio da aplicação de questionário online pelo GoogleForms® no mês de Abril de 2021 aos estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizada no município de Porto Alegre, situada no Estado do Rio Grande do Sul, região meridional do Estado. O questionário foi encaminhado a todos os 585 estudantes da matriculados no segundo semestre de 2020, que iniciou-se em janeiro de 2021, por conta da pandemia do novo coronavírus.

Os critérios de inclusão foram os estudantes de Farmácia que aceitaram participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)-Apêndice A. Os critérios de exclusão foram os alunos respondentes que aceitaram e assinaram o TCLE, mas não responderam o questionário na sua totalidade. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico que consistia em 17 questões (Apêndice B), fechadas e algumas abertas, após a aprovação pelo Comitê de Ética. A última questão foi de cunho aberto para estimular o participante a escrever o que por ventura não estivesse contemplado nas alternativas do questionário, deixando, assim, um espaço de livre expressão. As questões que tem como opção “*outros*” proporcionou a flexibilidade de potenciais respostas não concebidas no questionário.

O questionário eletrônico foi confeccionado na ferramenta Google Forms®, não havendo coleta de e-mails por parte dos pesquisadores, e o link do instrumento de pesquisa foi encaminhado por e-mail para a Comissão de Graduação Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (COMGRAD-FAR), previamente contatada pelos pesquisadores. A COMGRAD-FAR encaminhou e-mail com o link aos alunos e um texto informando sobre o objetivo e resultados esperados da pesquisa, como o nome dos pesquisadores .

Foram encaminhados dois novos e-mails com lembretes, a cada 7 dias após o envio de um e outro, estimulando os estudantes a responderem o questionário. A pesquisa contemplou os critérios da Resolução CNS nº 466/2012, no qual o Conselho Nacional de Saúde estima o respeito pela dignidade humana e pela

especial proteção aos participantes de pesquisas científicas envolvendo seres humanos ⁽¹⁶⁾. Aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com parecer nº 4.586.949.

RESULTADOS

Dos 585 estudantes, aos quais foi encaminhada a pesquisa, apenas 86 alunos responderam, portanto, a taxa de resposta foi de 14,7%. Destes 86 alunos, quando perguntados em relação à sua identidade de gênero, a maioria se identificou como cis gênero (F=72; 83,8%), 2 (2,3%) como transgênero e 11 (12,7%) não conheciam os termos incluídos no questionário. Quando perguntado em relação à orientação sexual, dos 86, 48 (55,8%) declararam ser heterossexuais, 22 (25,5%) bissexuais e 13 (15,1%) homossexuais. As frequências e percentagens totais são apresentadas na Tabela 1.

A faixa etária, em ordem decrescente da frequência, foi: 53 (61,6%) entre 20-25 anos, 18 (20,9%) entre 25-30, 9 (10,4%) entre 30-35, 4 (4,6%) menos de 20 anos, 1 (1,1%) entre 35-40 e 1 (1,1%) mais de 40. A distribuição das respostas, em relação a etapa do curso que os alunos se encontravam, 6 (6,9%) responderam estar na 1ª etapa do curso, 5 (5,8%) na 2ª, 15 (17,4%) na 3ª, 5 (5,8%) na 4ª, 7 (8,1%) na 5ª, 7 (8,1%) na 6ª, 8 (9,3%) na 7ª, 11 (12,7%) na 8ª e 22 (25,5%) na 9ª etapa do curso.

Buscou-se identificar se os termos "identidade de gênero", " orientação sexual", "sexo biológico" haviam sido abordados em algum momento da graduação, no currículo atual do curso, tendo como resultado majoritário, ou seja, 48 (55,8%) que esses termos não haviam sido abordados, seguido do termo "sexo biológico", com 28 (32,5%) das respostas.

O tema *transgeneridade*, segundo 66 (76,7%) não foi abordado em nenhuma disciplina do curso, apenas 6 (6,9%) responderam que já foram abordados. Desses 6, quatro (50%) responderam o tema transgeneridade foi abordado na disciplina de Atenção Farmacêutica, um (12,5%) em Farmacologia,

um (12,5%) em fisiologia, um (12,5) em Saúde Coletiva. Um aluno (12,5%) indicou que somente foi abordado em palestra realizada na Semana Acadêmica.

Quanto a existência de discussão da possibilidade de inclusão de conteúdos LGBTQIA+, promovendo a saúde e atenção na faculdade/universidade: 36 (54,5%) responderam que não houve, 4 (6,1%) que houve e 26 (39,4%) não tinham certeza. Procurou-se saber se houve na faculdade cursos, palestras, oficinas relacionadas à conteúdos LGBTQIA+: 17 (19,8%) responderam que sim, 23 (26,7%) que não e 46 (53,5%) não tinham certeza. No que diz respeito a inserção de disciplina(s) nos currículos de farmácia com temas relacionados à promoção de saúde de pessoas LGBTQIA+: 74 (86,0%) julgam importante, 4 (4,6%) não julgam e 8 (9,3%) não acham necessário.

Investigou-se também a respeito da obrigatoriedade dessas disciplinas com temas relacionados à promoção da saúde de pessoas LGBTQIA+ no currículo: 30 (40,5%) consideraram ser eletiva, 18 (24,3%) obrigatória e 26 (35,1%) ambas. Sobre a carga horária necessária para contemplar esses conteúdos: 52 (60,5%) acreditam que duas horas por/semana são suficientes, 19 (22,1%) quatro horas, 4 (4,6%) oito horas e 11 (12,8%) não achavam necessário carga horária. Para melhorar a contextualização da realidade das pessoas LGBTQIA+, os métodos/técnicas pedagógicas (as) mais apropriado citadas: 58 (24,4%) preferiam expositivas (slides, vídeos etc.), 71 (29,8%) casos clínicos, 70 (29,4%) práticas em atendimento/abordagens, 27 (11,3%) avaliação, seis (2,5%) outras técnicas e seis (2,5%) não achavam necessário.

As respostas a respeito da necessidade de capacitação do corpo docente para ministrarem disciplinas que abordassem conteúdos LGBTQIA+, especificamente: 70 (81,4%) responderam que deveria ser capacitado no assunto, 5 (5,8%) que não e 11 (12,8%) não acham necessário. A respeito do futuro profissional farmacêutico, buscou-se saber se este deveria ter uma formação particularizada na orientação à pessoas LGBTQIA+: 57 (66,3%) concordam, 7 (9,4%) discordam e 11 (25,5%) indiferente. Em relação a se sentir preparado/preparada/preparade em orientar/atender um paciente LGBTQIA+,

especialmente pessoas trans: 30 (34,9%) se sentem preparado/preparada/preparade^f, 51 (59,3%) não se sentem e 5 (5,8%) indiferentes.

Tabela 1. Percepção dos estudantes do curso de Farmácia da UFRGS sobre conhecimentos para atenção em saúde de pessoas LGBTQI+. Porto Alegre/RS, 2021.

VARIÁVEIS	F	%	N° total respostas
Identificação de gênero			
Agênero	0	0	86
Cis gênero	72	83,7	
Gênero fluido	1	1,1	
Não-binário	0	0	
Transgênero	2	2,3	
Trans não-binário	0	0	
Não conheço esses termos	11	12,7	
Orientação sexual			
Assexual	1	1,1	86
Bissexual	22	25,5	
Heterossexual	48	55,8	
Homossexual	13	15,1	
Pansexual	2	2,3	
Faixa etária			
Menos de 20	4	4,6	86
20-25	53	61,6	
25-30	18	20,9	
30-35	9	10,4	
35-40	1	1,1	
Mais de 40	1	1,1	
Abordagem de termos identidade de gênero, expressão de gênero, orientação sexual, sexo biológico em disciplinas do curso			
Sim	5	5,8	86
Não	48	55,8	
Apenas Identidade de Gênero	1	1,1	
Apenas Expressão de Gênero	0	0	
Apenas Orientação Sexual	3	3,4	
Apenas Sexo Biológico	28	32,5	
Não conheço esses termos	1	1,1	
Abordagem de temas relacionados à transgeneridade em algum período da graduação			

(f) O sufixo "e" traz uma condição de inclusão a todos os gêneros.

Sim	6	6,9	86
Não	66	76,7	
Não tenho certeza	14	16,2	
Ocorrência de cursos, palestras, etc. sobre o tema durante a graduação			
Sim	17	19,8	86
Não	23	26,7	
Não tenho certeza	46	53,5	
Importante incluir disciplina sobre o tema no currículo			
Sim	74	86	86
Não	4	4,6	
Não acho necessário	8	9,3	
Tipo de disciplina			
Eletiva	30	40,5	86
Ambas	26	35,1	
Obrigatória	18	24,3	
Carga Horária			
2h	52	60,5	86
4h	19	22,1	
8h	4	4,6	
Não acho necessário	11	1,8	
Método pedagógico			
Expositiva (slides, vídeos, etc)	58	24,4	238
Discussão de caso clínico	71	29,8	
Prática em atendimento/abordagem em pacientes	70	29,4	
Avaliação	27	11,3	
Não acho necessário	6	2,5	
Outros	6	2,5	
Docentes capacitados no tema			
Sim	70	81,4	86
Não	5	5,9	
Não acho necessário	11	12,8	
Profissional ter formação específica sobre o tema			
Concordo	57	66,3	86
Discordo	7	9,4	
Indiferente	22	25,5	
Autopercepção sobre preparo para atender pessoas LGBTQI+			
Me sinto preparado/preparada/preparade	30	34,9	86
Não me sinto preparado/preparada/preparade	51	59,3	
Indiferente	5	5,8	

F=frequência

DISCUSSÃO

Os achados deste estudo apontam que na percepção da maioria dos discentes do curso de Farmácia da UFRGS os termos identidade de gênero, expressão de gênero, orientação sexual, sexo biológico e transgeneridade não foram abordados nas disciplinas do currículo atual. Contudo, majoritariamente creem que é importante incluir esse tema para preparar os futuros farmacêuticos na atenção à saúde de pessoas LGBTQIA+, sem, no entanto, considerarem fazer parte de uma disciplina obrigatória, mas eletiva. Os alunos não se sentem preparados para atender as pessoas desta comunidade.

Como não existem dados consistentes da percepção de estudantes de Farmácia sobre o tema no Brasil, o presente estudo oferece uma contribuição ao debate dentro da instituição e outros cursos do país, visto a importância atual do tema. Mesmo com amostra limitada, por conta do tempo para finalizar a pesquisa, traz dados que podem auxiliar nas políticas de elaboração de currículo.

Com a gradativa conscientização mundial dos últimos anos a respeito de questões ligadas à comunidade LGBTQIA+ em várias áreas do conhecimento, torna-se necessário e, urgente, principalmente na área da saúde, que a academia siga na mesma direção, formando profissionais aptos a atender, tratar, comunicar e cuidar desta comunidade por muitas vezes negligenciadas. Os objetivos do *The Healthy People 2020* apontou uma carência de profissionais de saúde que tenham base e competência em saúde LGBTQIA+ ⁽¹⁷⁾. Parte dessas mudanças de cenários mundiais, advém de políticas de inclusão que modificam leis, ou as criam, onde há um aumento de percepção de questões LGBTQIA+ em várias áreas, e na saúde não diferente, onde os próprios profissionais da saúde reconhecem que os membros da comunidade enfrentam desafios específicos frente às pessoas heteronormativas cisgêneras ⁽¹⁸⁾, ⁽⁶⁾. Além desse fato, médicos, estudantes de graduação em farmácia e farmacêuticos ainda não se sentem preparados ou mesmo treinados para orientar um paciente LGBTQIA+ nos seus respectivos ambientes de prática seja no hospital, faculdade ou mesmo na farmácia ⁽²⁾, ⁽¹⁹⁾.

Em novembro de 2014 a *Association of American Medical Colleges (AAMC)* publicou um conjunto de orientações de diretrizes que visa treinar médicos sobre questões de gênero, questões sexuais e a individualidade de cada pessoa. Ela tem como objetivo central fornecer às faculdades de medicina, educação sobre a saúde da comunidade LGBTQIA+ e também como integrar essas questões aos currículos ⁽²⁰⁾. Os futuros farmacêuticos que se inserirão no mercado de trabalho necessitam serem treinados na academia não somente à tópicos relacionados a saúde LGBTQIA+, como também, defrontar propriamente e interagir de modo a não criar um ambiente hostil ou até estigmatizar essas minorias que carecem de acompanhamento ⁽²¹⁾. Um estudo realizado em Porto Rico que avaliou a prontidão para fornecer assistência farmacêutica para pacientes transexuais, dos 96 farmacêuticos participantes da pesquisa, 16 (17%) eram cis gênero masculino, 79 (82%) eram cis gêneros femininos e 1(1%) era transgênero. A mesma pesquisa descobriu que dos 96 farmacêuticos participantes, 91 (95%) eram heterossexuais, 3 (3,1%) eram homossexuais, 1 (1%) era bissexual, que são similares aos encontrados na nossa pesquisa, na qual a grande maioria é heteronormativa ⁽¹⁹⁾.

Em 2016 a *Accreditation Council for Pharmacy Education (ACPE)*, ao estabelecer conteúdos LGBTQIA+, o principal objetivo é atender resultados educacionais já existente sobre sensibilidade cultural e disparidades de saúde, e paralelamente quando transmite conhecimento fundamentais para oferecer atendimento qualificado ao paciente ⁽²²⁾. Afim de até seguir a estes resultados, os assuntos podem incluir disparidades de saúde, como também transição de gênero. Assuntos relacionados à terapêutica poderiam incluir saúde preventiva, como a terapia hormonal ⁽²³⁾. Para disciplinas de farmacoterapia que aborde terapia hormonal, pode-se considerar semelhanças no uso de contraceptivos para pacientes cis gênero e terapia hormonal para mulheres transexuais ⁽²⁴⁾. Cursos de desenvolvimento contínuo, ou outros cursos que incluem saúde e/ou desigualdades, são ideais para incorporar pacientes LGBTQIA+ em palestras preexistentes nas faculdades ⁽²⁵⁾. Transportando isso para nossa pesquisa, torna-se necessária a introdução de temáticas LGBTQIA+ visto que 55,8% nunca tiveram contato com essas temáticas, e muito menos à temáticas trans em que

(76,7%) não foram nem abordados em sala de aula. Algumas estratégias podem ser adicionadas para inclusão de conteúdo LGBTQIA + no currículo:

Inserção em Disciplinas Multiprofissionais

Disciplinas intercursos são ótimas chances de haver a incorporação de conteúdos LGBTQIA+ em cursos de saúde ^{(22) (26) (27) (28) (29)}. Associando os padrões da *Accreditation Council For Pharmacy Education (ACPE)*, as habilidades e educação interdisciplinares são capazes de integrar ainda mais o tema da saúde LGBTQIA+ ⁽³⁰⁾. Um estudo demonstrou que alunos que participaram de discussões baseadas em casos clínicos reais, tiveram seu conhecimento e suas habilidades desenvolvidas em comunicar-se com um paciente LGBTQIA ^{(26) (28)}. Casos clínicos podem incluir cuidados a transgêneros, intersexuais e outras complicações de saúde ^{(26) (28)}. Tornando assim estas disciplinas multiprofissionais, uma disciplina obrigatória do currículo de farmácia fazendo com que seja crucial para garantir que cada aluno tenha a vivência desses casos ⁽²⁶⁾.

Inclusão em Cursos Educativos

O ensino didático em farmácia pode incluir o uso de terminologias, pronomes, histórias clínicas de pacientes, painéis, casos clínicos de pacientes reais ^{(31) (25) (32)}. Painéis ou vídeos de pacientes LGBTQIA+ que expliquem suas experiências de vida para que possa contribuir ao aluno entender seu lugar de fala, e como esse pode se relacionar com esse paciente, e que possa também entender os seus próprios preconceitos ^{(26) (28) (31) (25) (33)}. Mais de uma didática é necessária para se tornar confiante na prestação de cuidados a pacientes LGBTQIA + como por exemplo a terapia ^{(31) (25) (32)}.

Competências em Comunicação

Cursos de simulação baseados no desenvolvimento de competências em comunicação para permitirem aos alunos o treinamento necessário para orientar um paciente LGBTQIA+ ^{(34) (35)}. Contato com paciente transgêneros reais para

aconselhamento de terapia hormonal, para que alunos demonstrem seus conhecimentos em um ambiente seguro ⁽³⁶⁾. Cuidados farmacêuticos, similar como acontece com todas as questões delicadas, tem a incumbência de comunicação eficaz e familiar com a terminologia apropriada, com a finalidade de cultivar uma relação baseada na confiança e no respeito ⁽³⁷⁾.

Disciplinas Eletivas

Disciplinas eletivas dedicadas à saúde LGBTQIA+ melhoraram o conhecimento e confiança quando o aluno cursou a mesma. Uma disciplina eletiva tem potencial de permitir novas oportunidades e experiências adicionais para uma aprendizagem ativa do conteúdo ao longo de um semestre ⁽³⁶⁾ ⁽²⁶⁾ ⁽²⁸⁾. Um estudo onde alunos de farmácia que cursaram tal eletiva, demonstraram melhoria em seus conhecimentos e habilidades em relação à saúde de pacientes LGBTQIA +, entretanto, apenas 36 dos alunos fizeram o curso em dois semestres ⁽³⁶⁾. Porém, uma disciplina eletiva é uma chance para um estudo mais complexo acerca do conhecimento de pacientes LGBTQIA+, todavia não deve ser restrita somente como meio de introduzir essas questões ao longo do currículo.

Associação de Outras Estratégias para Incorporação no Currículo

A Association Of American Medical Colleges estimula a incorporação de conteúdos LGBTQIA+ ao longo de todo o currículo com aprendizagem baseada em casos, entrevistas com pacientes, palestras, oficinas etc ⁽²⁰⁾. O estudante de farmácia, mesmo tendo contato com esse conteúdo e desenvolvê-lo em habilidades tanto de comunicação como orientação, é imprescindível reconhecer-se confortável em proporcionar cuidados competentes a esta população ⁽³⁶⁾ ⁽²⁷⁾ ⁽³¹⁾ ⁽²⁵⁾ ⁽³²⁾ ⁽²⁴⁾.

Um estudo feito na Faculdade de Farmácia da Universidade da Califórnia, onde houve a participação de 28 faculdades, 15 (54%) faculdades relataram que não ensinavam conteúdo de saúde LGBTQIA+ nas disciplinas obrigatórias e 19 (68%) relataram que não há requisitos para o ensino de saúde LGBTQIA+ em suas disciplinas, 3 (11%) faculdades relataram que tinham aulas eletivas com

conteúdo LGBTQIA+ e 2 (7%) faculdades cobririam tópicos sobre de transição de gênero, caso fosse obrigatório ou eletivo no currículos corroborando como o que foi encontrado em nosso estudo ⁽⁶⁾. Um outro estudo avaliou a média de horas dedicadas ao ensino de conteúdos programáticos LGBTQIA+, constatou uma média de 5 à 7 horas nos currículos de faculdade de medicina no Canadá. A abrangência dos conteúdos nos Estados Unidos (EUA) foi ainda menor, com média de zero à 50 minutos. Os resultados deste estudo apontaram que a inclusão de conteúdo de saúde LGBTQIA+ em faculdades de farmácia até então é muito baixo ⁽¹¹⁾. No outro estudo já citado, das 28 faculdades participantes, 14 (50%) faculdades relataram ensinar uma a três horas de conteúdo de saúde LGBT em seu currículo. Uma faculdade (4%) relatou quatro a dez horas em seu currículo obrigatório, e duas faculdades (7%) relataram mais de 41 horas em disciplinas eletivas, reforçando também o que encontramos em nosso estudo ⁽⁶⁾. Outro artigo que avaliava a estrutura curricular de enfermagem para integrar conteúdo de saúde LGBTQIA+, o corpo docente não se considerava capacitado, diante disso, utilizou recursos externos para seu aprimoramento. O feedback do corpo docente destacou o benefício potencial da educação continuada em tópicos de saúde dessa população, que no geral, foi bem acolhida pelo corpo docente e alunos também ⁽²³⁾. A falta de conhecimento dos estudantes de farmácia e dos futuros farmacêuticos implica na deficiência de conhecimento do corpo docente das faculdades, o que exigem treinamentos e conhecimentos específicos ⁽²¹⁾.

O farmacêutico precisa estar munido para oferecer cuidado e, paralelamente, em que disponibiliza orientação para qualquer paciente submetido a hormônioterapia de redesignação sexual. A terapia hormonal (TH) é capaz de melhorar muito a transição, bem como o bem-estar físico e mental do paciente onde os principais hormônios como testosterona e estrogênios são terapias utilizadas, frequentemente, para atingir o objetivo da transição ⁽³⁸⁾. Ao passo que essas medicações são usadas e tidas como seguras e eficazes em pacientes cisgêneros, a exposição às altas doses, em pacientes trans, estão associadas há um risco enorme de anormalidades metabólicas e cardiovasculares ⁽³⁹⁾. As faculdades anseiam incutir em seus alunos um senso de responsabilidade e compreensão da população LGBTQIA+ ao incorporar habilidades clínicas relevantes e

treinamento de competências nos currículos já existentes ⁽⁴⁰⁾ ⁽³³⁾. Um estudo da Universidade de Northeastern, Estados Unidos, analisou recentemente em seu currículo de farmácia por meio de exame, para verificar o nível de preparação, em seu terceiro e quarto ano, os estudantes farmacêuticos no que diz respeito ao cuidado LGBTQIA+. Esses resultados sugeriram um baixo nível de confiança e capacidade desses alunos; como decorrência, seu programa está trabalhando atualmente para incorporar novos métodos didáticos e experienciais de ensino para fornecer educação aprofundada sobre tópicos relacionados a esta população de pacientes, o que vem de encontro também com nosso estudo ⁽⁴¹⁾.

Uma das barreiras mencionadas em um artigo em a maioria dos entrevistados citou a falta de corpo docente qualificado para o ensino como uma barreira significativa para o desenvolvimento ou implementação de conteúdos LGBTQIA+ ⁽⁷⁾. Em nosso estudo tivemos posições semelhantes em que um participante retrata *“Resistência do corpo docente e até mesmo dos alunos”*, outro menciona *“Falta de vontade ou interesse por parte dos professores”* e outro comenta *“Conservadorismo da universidade e corpo docente do curso”* estando em confluência com outros estudos. Outra barreira é o acesso aos profissionais de saúde em que pacientes podem não revelar sua sexualidade aos profissionais por medo de reações homofóbicas ou quebra de sigilo como também desconfiança do sistema de saúde após experiências quando procuram atendimento ⁽⁴²⁾. Em nosso estudo houveram relatos que corroboram com outros artigos que citam o problema na saúde, como esse participante declarou *“Visualizamos serviços de saúde que não consideram as diferenças e especificidades desta (população) e que de fato retira de suas políticas quem não se encaixa no padrão determinado socialmente em relação ao gênero e orientação sexual.”* Outro ainda complementa *“Vencer o obstáculo do preconceito e da invisibilidade vivida por essas populações, para que a comunidade acadêmica entenda e reconheça que essa parcela da população não está contemplada hoje nos serviços de saúde tanto públicos quanto particulares”*. Como decorrência dessas barreiras, aproximadamente um quarto dos pacientes transgêneros que participaram de uma pesquisa em 2015, nos EUA, mostrou que esses não buscavam acolhimento médico por receio de ser, de alguma forma, hostilizados ⁽⁴³⁾. Alguns artigos ainda mencionam como uma

grande barreira impeditiva os valores religiosos na implementação de conteúdos LGBTQIA+ e a interferência nos atendimentos à pacientes ⁽⁴⁴⁾ ⁽³⁴⁾.

CONCLUSÃO

Existem várias limitações deste estudo, todos os estudantes não estão representados nestes dados, porém, embora a resposta possa parecer baixa, ela efetivamente mostra uma parte representativa desses estudantes. É essencial que haja uma revisão de como os currículos das Faculdades de Farmácia incluem o conteúdo de saúde de pessoas LGBTQIA+. Assim sendo, estudantes de Farmácia consideram importante possuir conteúdos que abordem o cuidado e a promoção à saúde de pessoas LGBTQIA+ e que, professores do curso devam ter uma formação específica para ministrar disciplinas sobre esse tema, bem como consideram que o futuro profissional farmacêutico tenha uma formação específica para orientar pessoas LGBTQIA+, pois os alunos não se sentem preparados para atender/orientar essas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Reis. Manual de Comunicação LGBTI+. 2nd ed. Rede GayLatino ANL, editor. Curitiba: SOMOSGAY; 2018.
2. Maxwell , Salch , Boliko , Anakwe-Charles. Discrepancies in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Patient Care and How Pharmacists Can Support an Evolved Practice. American Journal of Pharmaceutical Education. 2017; 81(7^a).
3. Connell R. Gender, health and theory: Conceptualizing the issue, in local and world perspective. Social Science & Medicine. 2012; 74(11^a).
4. Hankivsky , Reid , Cormier , Varcoe , Clark , Benoit , et al. Exploring the promises of intersectionality for advancing women's health research. International Journal for Equity in Health. 2010; 9(5^a).
5. Leach , Layson-Wolf. Survey of community pharmacy residents' perceptions of transgender health management. American Pharmacists Association. 2016; 56(4^a).
6. Mandap M, Carrillo S, Youman SL. An evaluation of lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) health education in pharmacy school curricula. Currents in Pharmacy Teaching and Learning. 2014; 6(6^a).
7. Eckstein MA, Newsome CC, Borrego ME, Burnett A, Wittstrom K, Conklin JR. A cross-sectional survey evaluating transgender-related care education in United States pharmacy school curricula. Currents in Pharmacy Teaching and Learning. 2019; 11(8^a).
8. Like RC. Educating Clinicians About Cultural Competence and Disparities in Health and Health Care. Journal of Continuing Education in the Health Professions. 2011; 31(3^a).
9. Snowdon. The Medical School Curriculum and LGBT Health Concerns. AMA Journal of Ethics. 2010; 12(8^a).
10. Butler R. An Assessment of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Curriculum Infusion in US Medical Schools. Honors Thesis, School of Public and Environmental Affairs Indiana University.
11. Obedin-Maliver , Goldsmith E, Stewart , White , Tran , Brenman , et al. Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender–Related. American Medical Association. 2011; 306(9^a).
12. Gaines , Mattingly , Bzowyckyj A. APhA adopts actionable policy once again. Journal of the American Pharmacists Association. 2018; 58(4^a).
13. Brasil. RESOLUÇÃO Nº 6, DE 19 DE OUTUBRO DE 2017- Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. seção 1, p. 30.
14. Leach C, Seung H, Layson-Wolf C. Student pharmacists' perceptions of transgender health management. Currents in Pharmacy Teaching and Learning. 2019; 11(12^a).
15. Brasil. Manual Orientador Sobre Diversidade. Brasília, DF. 2018. p. 10-15.

16. Brasil. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012b- Diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União. Brasília, DF seção 1, p. 59.
17. Office Of Disease Prevention and Health Promotion HP2LGBaTH. Healthy People. [Online]; 2020. Acesso 08 de 04 de 2021. Disponível em: <https://www.healthypeople.gov/2020/topics-objectives/topic/lesbian-gay-bisexual-and-transgenderhealth>.
18. Macapagal , Bhatia , Greene G. Differences in Healthcare Access, Use, and Experiences Within a Community Sample of Racially Diverse Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Questioning Emerging Adults. LGBT Health. 2016; 3(6ª).
19. Melin , Hilera-Botet C, Vega-Velez , Salgado-Crespo V, Santiago , Hernandez-Agosto J, et al. Readiness to provide pharmaceutical care to transgender. Journal of the American Pharmacists Association. 2019; 59(5ª).
20. Association Of American Medical Colleges. AAMC. [Online]; 2015. Acesso 04 de 04de 2021. Disponível em: <https://www.aamc.org/initiatives/diversity/44950>.
21. Grundmann O, Segal , Pullo , Davis , Felix-Irizarry , Da Silva , et al. The Pharmacist as an LGBTQ Ally. American Journal of Pharmaceutical Education. 2020; 84(7ª).
22. Accreditation Council for Pharmacy Education; 2016. Acesso 05 de 04de 2021. Disponível em: <https://www.acpeaccredit.org/pdf/Standards2016FINAL.pdf>.
23. McDowell , Bower K. Transgender Health Care for Nurses: An Innovative Approach to Diversifying Nursing Curricula to Address Health Inequities. Journal of Nursing Education. 2016; 55(8ª).
24. Knockel E, Ray ME, Miller ML. Incorporating LGBTQ health into the curriculum: Assessment of student pharmacists' knowledge and comfort level in caring for transgender patients. Currents in Pharmacy Teaching and Learning. 2019; 11(9ª).
25. Parkhill , Mathews J, Fearing , Gainsburg. A Transgender Health Care Panel Discussion in a Required Diversity Course. American Journal of Pharmaceutical Education. 2014; 78(4ª).
26. Braun HM, Ramirez , Zahner GJ, Gillis-Buck EM, Sheriff , Ferrone. The LGBTQI health forum: an innovative interprofessional initiative to support curriculum reform. MEDICAL EDUCATION ONLINE. 2017; 22(1ª).
27. Leslie KF, Steinbock , Simpson , Jones F. Interprofessional LGBT Health Equity Education for Early Learners. Association of American Medical Colleges (AAMC). 2017; 13:10551.
28. Pratt-Chapman M, Phillips. Health professional student preparedness to care for sexual and gender minorities: efficacy of an elective interprofessional educational intervention. Journal of Interprofessional Care. 2019; 34(3ª).
29. Russell S, More F. Addressing Health Disparities via Coordination of Care and Interprofessional Education: Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Health and Oral Health Care. Dental Clinics of North America. 2016; 60(4ª).

30. Schwinghammer T, Crannage A, Boyce E, Bradley B, Christensen , Dunnenberger HM, et al. ACCP Toolkit- The 2016 ACCP Pharmacotherapy Didactic Curriculum Toolkit. [Online]; 2016. Acesso 20 de 04de 2021. Disponivel en: www.accp.com/docs/positions/misc/Toolkit_fnal.pdf.
31. Newsome CC , Chen LW, Conklin. Addition of Care for Transgender-Related Patient Care into Doctorate of Pharmacy Curriculum: Implementation and Preliminary Evaluation. *Pharmacy*. 2018; 6(4^a).
32. Ostroff JL, Ostroff ML, Billings S, Nemec EC. Integration of transgender care into a pharmacy therapeutics curriculum. *Currents in Pharmacy Teaching and Learning*. 2018; 10(4^a).
33. Kelley , Chou C, Dibble S, Robertson P. A Critical Intervention in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Health: Knowledge and Attitude Outcomes Among Second-Year Medical Students. *Teaching and Learning in Medicine: An International Journal*. 2008; 20(3^a).
34. Carabez , Pellegrini , Mankovitz , Eliason J, Dariotis M. Nursing students' perceptions of their knowledge of lesbian, gay, bisexual, and transgender issues: effectiveness of a multi-purpose assignment in a public health nursing class. *Journal of Nursing Education*. 2015; 54(1).
35. Greene R, Hanley , Cook , Gillespie , Zabar. Meeting the Primary Care Needs of Transgender Patients Through Simulation. *Journal of Graduate Medical Education*. 2017; 9(3^a).
36. Jann M, Penzak , White , Tatachar. An Elective Course in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Health and Practice Issues. *American Journal of Pharmaceutical Education*. 2019; 83(8^a).
37. Hyderi , Angel , Madison , Perry L, Hagshenas. Transgender patients: Providing sensitive care. *The Journal of Family Practice*. 2016; 65(7^a).
38. Bishop BM. Pharmacotherapy Considerations in the Management of Transgender Patients: A Brief Review. *Pharmacotherapy*. 2015; 35(12^a).
39. Fernandez JD, Tannock L. Metabolic Effects Of Hormone Therapy In Transgender Patients. *Endocrine Practice*. 2016; 22(4^a).
40. Brennan AMW, Barnsteiner J, De LeonSiantz ML, Cotter VT, Everett J. Lesbian, Gay, Bisexual, Transgendered, or Intersexed Content for Nursing Curricula. *Journal of Professional Nursing*. 2012; 28(2).
41. Douglass M, DeLeonardo , Long. Assessment of Pharmacy Student Didactic and Clinical Preparedness Surrounding LGBT and Mental Illness Patient Populations. Poster presented at American College of Clinical Pharmacy Annual Meeting. 2016. Hollywood, FL.
42. Moyer C. LGBT patients: Reluctant and underserved. *American Medicinal News*. 2011
43. James S, Herman JL, Rankin , Keisling , Mottet , Anaf. The Report of the 2015 U.S. Transgender Survey. National Center for Transgender Equality. 2016.
44. Higgins , Downes , Sheaf , Bus , Connell , Hafford-Letchfield T, et al. Pedagogical principles and methods underpinning education of health and social care practitioners on experiences and needs of older LGBT+ people: Findings from a systematic review. *Nurse Education in Practice*. 2019; 40(2019).

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a), a participar como voluntário da pesquisa **PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE FARMÁCIA: INCLUSÃO E PREVALÊNCIA DE CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS PARA ABORDAGEM DE PESSOAS LGBTQIA+**. A pesquisa se refere ao projeto de Trabalho de Conclusão de Curso em Farmácia sob execução do aluno Yuri Procaska Luchese Monteiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e sob responsabilidade da pesquisadora Prof^a Dr^a Tânia Alves Amador. O objetivo central do estudo é conhecer a percepção de estudantes de Farmácia a respeito da existência e inclusão de conteúdos programáticos relacionados ao cuidado e promoção da saúde da comunidade LGBTQIA+ no currículo da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acreditamos que seja importante conhecer as percepções de estudantes de Farmácia sobre a inclusão e a prevalência de conteúdos que abordem questões de saúde e cuidado dessa população.

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos:

- a) você responderá um questionário online através do sistema Google Forms[®], que levará o tempo aproximado de **10 minutos**, o qual poderá ser respondido em qualquer equipamento que tenha acesso a internet;
- b) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;
- c) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso;
- d) sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer dado ou elemento que possa, de qualquer forma, lhe identificar será mantido em sigilo;
- e) sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação, sem nenhuma forma de penalização;

f) caso você queira a sua cópia do Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE), poderá entrar em contato com os pesquisadores a qualquer momento pelos e-mails acima mencionados;

g) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos da pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

h) a assinatura do TCLE não exclui possibilidade de você buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes de participação na pesquisa.

Esse Projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, situado na Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Fone: +55 51 3308 3738 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br; Horário de Funcionamento: de segunda a sexta, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00h. Você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Tânia Alves Amador, a qualquer tempo para informação adicional no e-mail institucional: tania.alves@ufrgs.br, fone 51- 3308-5437, Av. Ipiranga, 2752.

Os benefícios desta pesquisa são indiretos, ao fornecer subsídios para a formação de farmacêuticos aptos a trabalhar no cuidado qualificado com pessoas LGBTQI+. Enquanto que os riscos a serem considerados, seria o tempo de preenchimento do questionário, que poderá gerar desconforto e se constituir potencial dificuldade para a participação na pesquisa, mas você pode desistir de participar a qualquer momento.

Declaro que li e entendi todas as informações presentes nesse termo, estando ciente dos objetivos, benefícios e riscos dessa pesquisa. Concordo com a publicação dos dados que tenham relação com o estudo e aceito que os mesmos sejam inspecionados por pessoas autorizadas pelo aluno e pela orientadora. Estou ciente que posso contactar o CEP ou os pesquisadores para sanar dúvidas. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, eu manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou pagar, por minha participação.

APÊNDICE B- FERRAMENTA DE CARACTERIZAÇÃO E AVALIAÇÃO

1. Você se identifica com qual gênero:

- Agênero
- Cisgênero
- Gênero fluido
- Não-binário
- Transgênero
- Trans não-binário
- Outro:
- Não conheço esses termos

2. Qual a sua orientação sexual?

- Assexual
- Bissexual
- Heterossexual
- Homossexual
- Pansexual

3. Qual é a sua faixa etária de idade:

- Menos de 20
- 20-25
- 25-30
- 30-35
- 35-40
- Mais de 40

4. Em que período do curso você se encontra?

- 1º
- 2º
- 3º
- 4º
- 5º
- 6º
- 7º
- 8º

- 9º
- 5. Os termos Identidade de Gênero, Expressão de Gênero, Orientação Sexual, Sexo Biológico já foram abordados em algum momento no currículo atual da Faculdade?**
- Sim
 - Não
 - Apenas Identidade de Gênero
 - Apenas Expressão de Gênero
 - Apenas Orientação Sexual
 - Apenas Sexo Biológico
 - Não conheço esses termos
- 6. Temas relacionados à transgeneridade já foram abordados em algum momento no currículo atual da Faculdade?**
- Sim
 - Não
 - Não tenho certeza
- a) Se sim, em qual disciplina foi abordada?
- Anatomia
 - Assistência Farmacêutica
 - Farmacologia
 - Fisiologia
 - Imunologia
 - Bioquímica
 - Outro:
- b) Se não, já houve alguma discussão da possibilidade de inclusão de conteúdos LGBTQIA+ promovendo a saúde e atenção dessa população por parte da Universidade/Faculdade?
- Sim
 - Não
 - Não tenho certeza
- 7. Realizou-se na Faculdade, cursos, palestras, oficinas, relacionados a conteúdos de abordagem LGBTQIA+?**
- Sim

- Não
 - Não tenho certeza
- 8. Você julgaria importante a inserção de disciplina(s) nos currículos de Farmácia com temas relacionados à promoção da saúde de pessoas LGBTQIA+?**
- Sim
 - Não
 - Não acho necessário
- a) Se sim, você consideraria ser uma disciplina:
- Obrigatória
 - Eletiva
 - Ambas
- 9. Quantas horas/semana você julgaria necessário para contemplar o conhecimento na área?**
- 2h
 - 4h
 - 8h
 - Não acho necessário
- 10. Que métodos/técnicas pedagógicas (as) você consideraria importante na disciplina para melhorar a contextualização da realidade das pessoas LGBTQIA+?**
- Expositiva (slides, vídeos, etc)
 - Discussão de caso clínico
 - Prática em atendimento/abordagem em pacientes
 - Avaliação
 - Não acho necessário
 - Outro:
- 11. Você julgaria que o corpo docente da Faculdade (professores) deveria ser capacitado para ministrar uma disciplina que abordasse conteúdo LGBTQIA+ especificamente?**
- Sim
 - Não
 - Não acho necessário

12. Você considera que o futuro profissional farmacêutico, como um profissional de saúde de uma equipe multi ou interdisciplinar, tenha uma formação particularizada na orientação a pessoas LGBTQIA+?

- Concordo
- Discordo
- Indiferente

13. Você se sente preparado/preparada/preparade em orientar/atender um paciente LGBTQIA+, especialmente pessoas trans (Nome social, terapia hormonal, etc)? (obs.: O sufixo "e" traz uma condição de inclusão a todos os gêneros)

- Me sinto preparado, preparada ou preparade
- Não me sinto preparado, preparada ou preparade
- Indiferente

14. O que você julgaria ser uma barreira ou dificuldade para que haja a inserção desse tipo de abordagem no currículo de Farmácia?

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!